



Orlando Villas Bôas

e a construção do indigenismo no Brasil

Orlando Villas Bôas Filho [Organizador]







ORLANDO VILLAS BÔAS

E a construção do indigenismo no Brasil

Orlando Villas Bôas Filho
Organizador



Para Marina Villas Bôas



Agradecimentos

A realização desta publicação não teria sido possível sem o concurso e o apoio de muitas pessoas às quais cabe registrar o devido agradecimento. Assim, agradeço à professora Susana Mesquita Barbosa pela iniciativa de apresentação do projeto à Editora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Registro também meus agradecimentos ao Magnífico Reitor, professor Benedito Guimarães Aguiar Neto, ao vice-reitor, professor Marcel Mendes, ao diretor da Faculdade de Direito, professor José Francisco Siqueira Neto, à vice-diretora da Faculdade de Direito, professora Patrícia Tuma Martins Bertolin, e ao decano de Extensão, professor Doutor Cleverson Pereira de Almeida, o apoio na realização desta homenagem ao centenário de Orlando Villas Bôas.

Agradeço a toda competente e dedicada equipe da Editora Mackenzie, especialmente à professora Helena Bonito Pereira e à coordenadora editorial, Joana Figueiredo. Aos professores John Hemming, Gustaaf Verswijver, George de Cerqueira Leite Zarur, Murillo de Oliveira Villela e Márcio Alves da Fonseca a participação na presente obra. À minha esposa Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas e ao meu amigo Márcio Alves da Fonseca pela leitura atenta do texto e pelas sugestões realizadas. À minha mãe, Marina Villas Bôas, e ao meu irmão, Noel Villas Bôas, pela ajuda na seleção das imagens que compuseram este livro. Por fim, aos meus filhos, Luísa e Orlando, pela insistência com a qual me pediram para terminar logo este trabalho.



1

13

Apresentação

Márcio Alves da Fonseca

22

Orlando Villas Bôas
e o Parque Indígena
do Xingu

26

O legado de Orlando Villas Bôas
e seus irmãos

John Hemming

40

O Parque Indígena do Xingu

Gustaaf Verswijver

2

50

Caleidoscópio de
ideias: memórias,
experiências e
práticas

54

Pluralidade de olhares sobre a vida
e a obra de Orlando Villas Bôas

Orlando Villas Bôas Filho

78

Memória afetiva dos Villas Bôas
e do Parque Indígena do Xingu

George de Cerqueira Leite Zarur

96

Primórdios da medicina de apoio
aos índios no Alto Xingu

Murillo de Oliveira Villela

3

114

A contribuição de
Orlando Villas Bôas
para o indigenismo
no Brasil

118

A construção do campo indigenista
no Brasil

Orlando Villas Bôas Filho

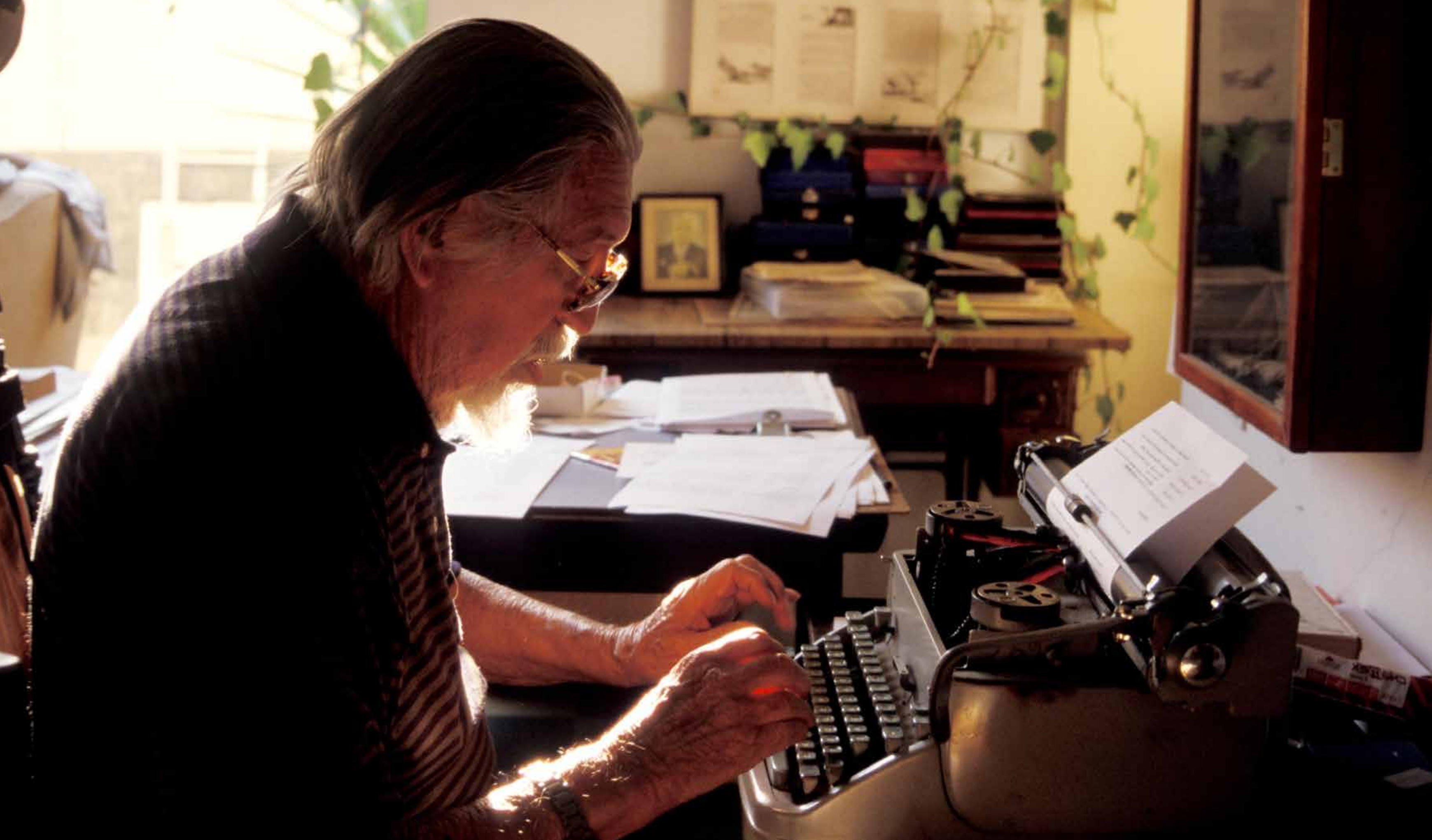
174

Cronologia



Apresentação

Márcio Alves da Fonseca





Este livro homenageia o centenário de nascimento de Orlando Villas Bôas. Singelo em sua concepção e despretensioso em sua forma, certamente não está à altura da grande obra do homenageado. Inspirando-se na pluralidade das formas de atuação que caracterizaram a ação de Villas Bôas relativamente à vida e à cultura dos povos indígenas no Brasil, procura apenas reunir diferentes olhares sobre o homem, o cidadão e seu legado, cujos significados e importância dificilmente poderiam ser abordados em uma única publicação.

Se, nas ocasiões comemorativas de uma cronologia, o que naturalmente se destaca é a *dimensão do tempo*, relacionada quer ao uso do tempo vivido por aquele a quem se presta homenagem quer ao legado de suas ações para o tempo histórico que o sucede, a cronologia de Orlando Villas Bôas inspira-nos destacar, com igual atenção e cuidado, o significado de suas ações no que concerne à *dimensão do espaço*.

O tempo é soberano. Independentemente do agir dos homens, ele flui em seu próprio compasso e não naquele que muitas vezes pretendemos impor-lhe. O espaço, por sua vez, revela-se permeável. Ainda que configurado segundo formas rígidas, a depender do vigor de nossas ações, ele pode ser transformado, tornando-se um espaço-outro. Por isso, talvez seja diante desse não implacável constituído pelo espaço que possamos perceber, em toda sua potência, o significado da ação de alguns homens.

No que se refere a Orlando Villas Bôas, não se trata apenas de reconhecer a grandiosidade da sua atuação direta sobre os espaços em que viveu e os espaços que construiu. Os frutos dessa atuação são bem conhecidos. Considerando, por exemplo, a extensão da carta do território nacional que, como membro da Expedição Roncador-Xingu, ao lado de seus irmãos Cláudio e Leonardo, Orlando ajudou a fixar; considerando as cidades que puderam se formar no “rastro” daquela expedição – como ele costumava dizer; considerando, acima de tudo, o significado antropológico, político e cultural do espaço constituído pelo Parque Indígena do Xingu por ele criado, a importância dos efeitos de sua atuação direta sobre o espaço é evidente.

Menos comumente evidenciada, porém, é a rara capacidade de Orlando Villas Bôas para criar espaços-outros. É essa capacidade singular que nos interessa aqui ressaltar, pois, ao agir sobre qualquer espaço, Orlando expressava a capacidade ímpar de conceber e edificar *heterotopias*.

Essa capacidade se perfazia por meio de duas posturas simultâneas e complementares. De um lado, ao situar-se em determinado espaço, Orlando Villas Bôas era capaz de abraçá-lo verdadeiramente, comprometer-se de fato com ele e exercitar, relativamente àquele lugar, a generosidade. De outro lado, ao situar-se em um dado espaço, Orlando Villas Bôas não podia deixar de imaginá-lo diferentemente, não podia deixar de deslocar-se relativamente a ele para concebê-lo como um

espaço-outro, mobilizando a si próprio e todos à sua volta para a sua edificação.

Não há como explicar a heterotopia única, encravada no coração do Brasil, consistente no Parque Indígena do Xingu, sem atribuí-la a essa singular capacidade de Orlando Villas Bôas em conceber e construir espaços inteiramente diversos dos lugares nos quais a grande maioria dos homens se contenta em habitar.

A esse respeito, vale lembrar o belo texto do filósofo francês Michel Foucault (2013) que tem o mérito de nos alertar sobre o elevado valor das heterotopias. Em duas emissões radiofônicas realizadas no ano de 1966, publicadas com o título *O corpo utópico, as heterotopias*, o pensador nos recorda que não vivemos em um espaço neutro e branco:

„Não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis e porosas (FOUCAULT, 2013, p. 19).

Porém, entre todos esses lugares distintos, haveria aqueles que são “*absolutamente* diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que *contraespaços*” (FOUCAULT, 2013, p. 20, grifo do autor).

Para o filósofo, as crianças conhecem muito bem esses contraespaços: o “fundo do jardim”, o

“celeiro”, ou a “tenda de índios erguida no meio do celeiro”, a “grande cama dos pais”, lugar onde “se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas”; cama que também é céu, pois nela “se pode saltar sobre as molas”; cama que é floresta, “pois pode-se nela esconder-se”; cama que é noite, “pois ali se pode virar fantasma entre os lençóis” (FOUCAULT, 2013, p. 20).

Caberia perguntar o que seria também de nós, adultos, se não fôssemos capazes de criar heterotopias, esses espaços inteiramente diferentes, que rompem com os lugares sedimentados; o que seria de nós se não fôssemos capazes de criar lugares-outros que, como que abertos por meio de “picadas na mata”, podem abrigar modos de vida melhores do que aqueles que conhecemos.

O valor e a importância das heterotopias encontram-se no fato de romperem com os lugares-comuns e os lugares consolidados, abrindo possibilidades concretas de renovação da vida. Da mesma forma, aqueles que são capazes de concebê-las e de criá-las são raros, daí também o seu valor e a sua importância.

Os textos que compõem este livro-homenagem, organizados em três partes e acompanhados de uma cronologia, permitem que vislumbremos essa capacidade ímpar de Orlando Villas Bôas na construção de espaços absolutamente singulares.

Na primeira parte, dedicada à apresentação sucinta dos significados histórico, antropológico e cultural do Parque Indígena do Xingu, o historiador John Hemming, lembrando a experiência



O pajé é acompanhado pelo canto dos maracás no ritual do quarup do sertanista Orlando Villas Bôas, na aldeia Yawalapiti, no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, 2003.

única de assistir, em 2003, ao *quarup* realizado na aldeia Yawalapiti em honra de Orlando, ressalta a dinâmica dos primeiros contatos dos irmãos Villas Bôas com os indígenas, motivados pela convicção de que a paz entre os diversos povos do Xingu era condição indispensável à preservação de sua vida e cultura, perante o inevitável contato com a civilização. As estratégias para pôr um fim às guerras entre as tribos e propiciar sua convivência pacífica num território protegido refletiam, assim, a postura introduzida pelos irmãos Villas Bôas em relação aos índios, consistente, segundo o autor, em sua “afinidade” com aqueles povos, “tratando-os como iguais, compreendendo as inquietações de cada indivíduo e sempre encontrando tempo para conversar com eles”. Essa postura de igualdade e de escuta teria sido, portanto, componente essencial à composição da política que viria perfazer-se na constituição do Parque Indígena do Xingu, espaço singular por excelência porque território privilegiado para a preservação da vida e da cultura indígenas em nosso país.

A peculiaridade da abordagem dos irmãos Villas Bôas, que denunciava de maneira definitiva o fracasso da política de integração dos índios na sociedade brasileira, também é explicitada pelo texto de Gustaaf Verswijver. O antropólogo mostra que os objetivos que nortearam a edificação do Parque Indígena do Xingu foram simultaneamente a preservação da natureza e a preservação do homem. Esses objetivos fizeram do parque um

espaço ímpar de proteção das culturas indígenas, ao mesmo tempo que, abrindo-se para a investigação científica, consolidou-se como espaço propício para a compreensão que as sociedades nacional e internacional ainda hoje podem constituir sobre o significado e a riqueza da diversidade étnica e cultural.

Em sua segunda parte, o livro revisita a experiência do Parque Indígena do Xingu a partir de diversos olhares. Inicia-se com a apresentação de fragmentos de textos e de depoimentos, colhidos ao longo de décadas, sobre a trajetória de Orlando Villas Bôas e seus irmãos. Aqui, as falas de observadores como Antonio Callado, Darcy Ribeiro, marechal Rondon, Carmem Junqueira, Betty Mindlin, Claude Lévi-Strauss e tantos outros revelam um percurso ao mesmo tempo multifacetado, criativo e coerente na construção do campo teórico-prático que resultará no parque.

Em um viés semelhante, o texto do antropólogo e economista George de Cerqueira Leite Zarur, apoiando-se amplamente nas memórias que decorreram de uma convivência pessoal com Orlando Villas Bôas, reitera a importância da ação dos irmãos Villas Bôas para a compreensão, tornada possível a partir da experiência do Parque Indígena do Xingu, acerca do simbolismo religioso e da estrutura das relações econômicas e sociais das tribos indígenas brasileiras. Seu texto explicita de que modo esse imenso legado é fruto da política indigenista empreendida pelos irmãos Villas Bôas, cujos pilares foram o respeito à diver-

sidade cultural e a luta pela garantia da terra aos povos indígenas.

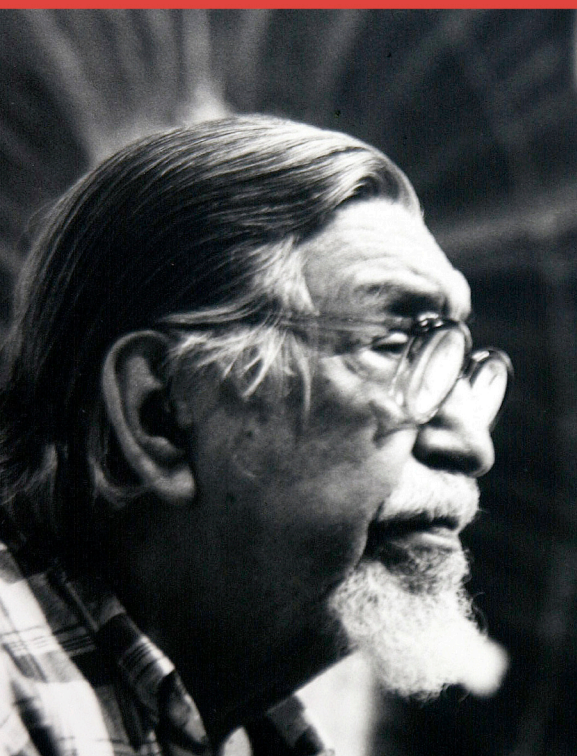
O texto de Murillo de Oliveira Villela, médico da Escola Paulista de Medicina que compartilhou intensamente a trajetória dos irmãos Villas Bôas em diversos momentos, traz importantes registros sobre a prática da medicina no Alto Xingu, nos anos 1950 e 1960. Além do relato do autor acerca de sua atividade na área médica e do modo como, em meio a ela, se construiu sua amizade com os irmãos Villas Bôas, o texto também sublinha a singular capacidade de articulação de Orlando para a obtenção de apoio na defesa dos povos indígenas.

Na terceira parte, o leitor encontrará uma análise rigorosa sobre a formação do campo indigenista no Brasil. Em seu texto, Orlando Villas Bôas Filho recupera aspectos fundamentais das dimensões biográfica, social e histórico-política da atuação dos irmãos Villas Bôas que, em conjunto, permitiram a constituição de uma posição significativamente inovadora no campo indigenista em nosso país. Entre as singularidades dessa posição, destacam-se a oposição sistemática à orientação assimilacionista e a preocupação em garantir a menor interferência possível na vida e na organização social dos povos indígenas. Desse modo, mostra-se que a posição implementada no campo indigenista pelos irmãos Villas Bôas teve como motor uma atuação sistemática que procurou “proporcionar as condições para que os povos indígenas do Xingu fossem reconhecidos pelo valor de sua cultura”.

Os diversos olhares, depoimentos e estudos que compõem este livro permitem-nos compreender de que modo Orlando Villas Bôas, como poucos, exercitou o ofício de edificar heterotopias. Tão ímpar quanto os espaços que ele concebeu e construiu, o seu exemplo e o seu legado são únicos na inspiração que propiciam àqueles que trabalham para a edificação de lugares melhores.

Referência

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.



“Não há como explicar a heterotopia única, encravada no coração do Brasil, consistente no Parque Indígena do Xingu, sem atribuí-la a essa singular capacidade de Orlando Villas Bôas em conceber e construir espaços inteiramente diversos dos lugares nos quais a grande maioria dos homens se contenta em habitar. [...]

Os diversos olhares, depoimentos e estudos que compõem este livro permitem-nos compreender de que modo Orlando Villas Bôas, como poucos, exercitou o ofício de edificar heterotopias. Tão ímpar quanto os espaços que ele concebeu e construiu, o seu exemplo e o seu legado são únicos na inspiração que propiciam àqueles que trabalham para a edificação de lugares melhores.”

Márcio Alves da Fonseca *[da Apresentação]*

ISBN 978-85-8293-057-1



9 788582 930571



Editora
Mackenzie